

Carlos Alan de Souza
IFSULDEMINAS – Campus Passos
alan.gouveia20@gmail.com

Verena Ferreira Tidei de Lima
(UEMG) – Unidade Passos
verenalima@gmail.com

A MODELAGEM INCLUSIVA DE CALCINHAS PARA MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS: O Caso da Marca Trucss

RESUMO

Este artigo adota o método de estudo de caso, com foco na análise técnica das modelagens da marca Trucss, complementado por uma revisão bibliográfica sobre moda inclusiva, ergonomia e gênero. A partir de análise de marcas que atuam nesse nicho, busca-se compreender como o design pode atender às necessidades anatômicas e identitárias desse público. Foram adotados procedimentos metodológicos baseados em revisão teórica, levantamento de dados e análise comparativa entre modelagens tradicionais e inclusivas. Como resultado, observa-se que marcas como a Trucss desenvolvem soluções técnicas mais adequadas e ergonômicas, contribuindo para o bem-estar e a afirmação de identidade das usuárias. O estudo, de caráter exploratório e fundamentado em estudo de caso, aponta a modelagem como elemento-chave para uma moda mais democrática, funcional e representativa.

Palavras-chave: Diversidade de gênero; Moda íntima; Ergonomia; Design inclusivo; Modelagem do vestuário.

THE INCLUSIVE PATTERNMAKING OF UNDERWEAR FOR TRANSEXUAL WOMEN AND TRANSVESTITES: The Case of the Trucss Brand

ABSTRACT

This article adopts the case study method, focusing on the technical analysis of patternmaking (garment modeling) from the Trucss brand, complemented by a literature review on inclusive fashion, ergonomics, and gender. By analyzing brands that operate within this niche, the study seeks to understand how design can meet the anatomical and identity needs of this audience. Methodological procedures were adopted based on theoretical review, data collection, and comparative analysis between traditional and inclusive patternmaking. As a result, it is observed that brands such as Trucss develop more suitable and ergonomic technical solutions, contributing to the well-being and identity affirmation of the users. The study, which is exploratory in nature and grounded in the case study, highlights patternmaking as a key element for a more democratic, functional, and representative fashion.

Keywords: Gender diversity; Underwear; Ergonomics; Inclusive design; Clothing patternmaking.

1 INTRODUÇÃO

A moda, enquanto linguagem cultural e prática cotidiana, constitui-se como uma poderosa ferramenta de expressão identitária. Entretanto, historicamente, a indústria do vestuário operou com base em padrões binários de gênero, direcionando suas modelagens para corpos cisgêneros e ignorando as necessidades de pessoas trans e travestis (JESUS, 2012; BROEGA; SILVA, 2010). Esse descompasso entre corpo e roupa não impacta apenas o conforto físico, mas também o bem-estar psicológico e a autoestima daqueles que vivem fora da norma cis heteronormativa.

No vestuário íntimo, essas falhas tornam-se ainda mais evidentes, visto que calcinhas são tradicionalmente produzidas sem considerar as especificidades anatômicas de mulheres transsexuais e travestis. Nesse contexto, a modelagem assume papel central, uma vez que não apenas define a forma da peça, mas também traduz em cortes, ajustes e medidas a forma como o corpo será acolhido ou excluído pelo vestuário.

Este artigo tem como objetivo analisar a importância da modelagem inclusiva no desenvolvimento de calcinhas voltadas a mulheres transsexuais e travestis, adotando como estratégia metodológica um estudo de caso da marca Trucss, pioneira no Brasil na criação de calcinhas específicas para esse público. A análise é sustentada por uma revisão bibliográfica sobre moda inclusiva, gênero, ergonomia e antropometria, além da observação técnica de produtos da marca. O intuito é evidenciar de que forma a modelagem pode se constituir como elemento-chave para a promoção de conforto, segurança e afirmação identitária.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Moda inclusiva e diversidade de gênero

A moda, historicamente, reforçou padrões binários que delimitam roupas como femininas ou masculinas, ignorando corpos e identidades não normativas (Carvalho; Filho, 2019). Esse sistema de classificação rígida não apenas exclui, mas também nega legitimidade às existências dissidentes de gênero, como pessoas trans, travestis e não binárias, cujos corpos não se ajustam aos moldes cis normativos.

A ausência de modelagens inclusivas, nesse contexto, vai além do aspecto funcional: compromete diretamente a autoestima, o reconhecimento identitário e o bem-estar subjetivo dessas mulheres, que muitas vezes vivenciam a moda como um espaço de exclusão e invisibilização (Jesus, 2012; Broega; Silva, 2010). Como argumenta Bento (2006), a materialização da identidade de gênero é atravessada por dispositivos simbólicos e práticos, como a roupa, que podem tanto afirmar quanto negar a existência desses sujeitos. Dessa

forma, pensar a roupa como dispositivo político é reconhecer seu poder na construção e afirmação das subjetividades de gênero.

A luta por uma moda inclusiva tem ganhado visibilidade à medida que novas perspectivas sobre gênero emergem. O conceito de gênero, segundo Jesus (2012), não se restringe ao aspecto biológico, sendo, na verdade, uma construção social que molda expectativas e papéis de acordo com cada cultura. Nessa perspectiva, a moda inclusiva se apresenta como um campo fundamental para garantir que pessoas trans tenham acesso a vestimentas que respeitem sua identidade de gênero e suas particularidades corporais.

No que se refere à moda íntima, mulheres trans enfrentam desafios específicos e urgentes. A escassez de peças adaptadas às suas necessidades anatômicas resulta em experiências de desconforto físico, constrangimento e frustração durante o uso e, principalmente, no momento da compra.

A invisibilidade desses corpos na cadeia produtiva e no varejo reforça a cisnormatividade estrutural do setor, que ainda opera com base em representações binárias e excludentes (Carvalho; Filho, 2019). Essa lógica não apenas marginaliza, mas também nega legitimidade às existências dissidentes de gênero, aprofundando processos de exclusão simbólica e material (Bento, 2006). Nesse sentido, reconhecer a diversidade de corpos e identidades na moda é uma questão de representatividade e de direitos sociais (Jesus, 2012).

A moda inclusiva não deve ser compreendida como uma demanda de nicho, mas como uma questão de direitos e representatividade. Ao reconhecer a diversidade de corpos e identidades, o setor da moda pode contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais equitativa e plural (Jesus, 2012).

2.2 Necessidades anatômicas e funcionais

A indústria da moda tem um papel fundamental na inclusão social e na representação da diversidade de gênero. No entanto, mulheres trans ainda encontram desafios significativos na adequação do vestuário às suas necessidades anatômicas e funcionais (Laranjeira *et al.*, 2018). Para garantir conforto, segurança e bem-estar, é essencial considerar fatores como antropometria e ergonomia no desenvolvimento de peças de vestuário destinadas a esse público.

A ergonomia aplicada aos produtos de moda busca adaptar as peças às especificidades corporais dos usuários, garantindo funcionalidade e conforto. Segundo Berton *et al.* (2017), o vestuário, por estar em contato direto com o corpo, precisa ser projetado com base na análise dos movimentos do usuário e na compreensão das demandas ergonômicas desde a etapa da modelagem, momento em que o conhecimento do corpo humano se torna

essencial para a construção da roupa. Assim, a ergonomia no vestuário está diretamente ligada à usabilidade do produto, afetando diretamente a experiência de quem o utiliza.

No caso das mulheres trans, essa adaptação se torna ainda mais crucial, uma vez que sua estrutura corporal pode diferir daquelas para as quais os padrões convencionais de modelagem foram concebidos. Estudos indicam que uma das principais dificuldades enfrentadas é a modelagem de roupas íntimas e de moda praia, que muitas vezes não oferecem suporte adequado para disfarçar o volume da genitália ou proporcionar sustentabilidade ao corpo (Laranjeira *et al.*, 2018).

A adequação ergonômica no vestuário transfeminino deve levar em conta medições antropométricas precisas, que considerem a diversidade de biotipos e as alterações corporais resultantes de processos hormonais e cirúrgicos (Bento, 2006). A falta de dados antropométricos específicos sobre a população trans é um desafio, tornando necessário o desenvolvimento de novas tabelas de medidas e ajustes na modelagem tradicional.

A antropometria dos corpos trans apresenta particularidades que devem ser levadas em consideração no desenvolvimento do vestuário. Mulheres trans que fazem uso de terapia hormonal podem apresentar redistribuição de gordura corporal, redução da densidade óssea e alterações na musculatura, o que impacta diretamente nas medidas e proporções do corpo (Bento, 2006). Além disso, características ósseas, como a largura dos ombros e a estrutura da pelve, podem diferir das medidas padronizadas para corpos femininos cisgênero. Essas diferenças exigem um estudo aprofundado das proporções corporais e o desenvolvimento de modelagens que respeitem a diversidade corporal das mulheres trans, garantindo um ajuste adequado e confortável.

O conforto no vestuário é uma condição indispensável para garantir bem-estar, funcionalidade e autoestima. No contexto do design de moda, (Broega; Silva, 2010) propõem o conceito de “conforto total”, que envolve não apenas aspectos físicos, como o caimento da roupa ou a respirabilidade do tecido, mas também fatores sensoriais (toque, temperatura, odor) e psicológicos (autoimagem, aceitação social, percepção emocional). Essa abordagem amplia a visão tradicional do conforto, reconhecendo que ele não é apenas uma sensação térmica ou mecânica, mas uma experiência subjetiva e integrada que afeta diretamente a relação entre o corpo e o vestuário.

Para mulheres trans, essa perspectiva é ainda mais significativa, uma vez que o conforto está diretamente relacionado à afirmação da identidade de gênero e à segurança emocional ao vestir-se. Conforme demonstrado nos estudos do *Dossiê Ergonomia e Moda* (Silveira; Paschorelli; Ferreira, 2022).

Segundo Broega e Silva (2010), o conforto no vestuário deve ser compreendido de forma multidimensional, envolvendo aspectos físicos, fisiológicos, psicológicos e sociais. No caso do design inclusivo, essa perspectiva torna-se essencial: o conforto físico está

relacionado à escolha de tecidos adequados e à profundidade da modelagem, enquanto o conforto fisiológico diz respeito à transpiração, mobilidade e não restrição da região genital.

O conforto psicológico e social, por sua vez, está diretamente ligado à aceitação identitária e à autoestima que o produto proporciona ao usuário (Broega; Silva, 2010); Silveira; Paschoarelli; Ferreira, 2022). Assim, o conforto no vestuário transfeminino deve ser pensado a partir de uma abordagem interseccional, que reconheça as especificidades do corpo e das vivências das pessoas trans como ponto de partida para o desenvolvimento de produtos mais inclusivos e respeitosos.

2.3 Design e modelagem para mulheres transsexuais e travestis

O vestuário não é apenas uma questão de conforto físico, mas também de afirmação identitária. Butler (1990) argumenta que o gênero é uma construção performativa e que a maneira como nos vestimos desempenha um papel essencial na forma como o gênero é percebido e validado socialmente. Nesse sentido, a moda trans feminina deve ser projetada de forma a garantir que as usuárias possam expressar sua identidade de gênero de maneira autêntica, sem que haja barreiras físicas impostas pelo vestuário.

A modelagem das roupas deve atender às necessidades específicas desse público, como o uso de tecidos encorpados para maior segurança e conforto, costuras reforçadas para ajuste adequado e forros duplos para proporcionar melhor acabamento estético (Laranjeira *et al.*, 2018). Além disso, elementos ajustáveis, como elásticos reguláveis e bojos removíveis, podem tornar as peças mais versáteis e inclusivas.

A construção do vestuário transfeminino exige um olhar atento às necessidades anatômicas e funcionais desse público, levando em consideração princípios de ergonomia e antropometria. Além do conforto físico, é essencial que as peças possibilitem uma expressão autêntica da identidade de gênero, reduzindo barreiras impostas pelos padrões convencionais da moda. O desenvolvimento de produtos mais inclusivos pode contribuir significativamente para a valorização da diversidade e para a criação de uma moda mais democrática.

Dando continuidade à discussão sobre design inclusivo, este artigo apresenta a seguir um levantamento e análise de marcas que desenvolvem calcinhas voltadas para mulheres transsexuais e travestis. O objetivo é identificar como essas marcas têm incorporado soluções de modelagem que consideram as especificidades anatômicas desse público, promovendo conforto, segurança e afirmação de identidade. A partir da observação de propostas nacionais, com destaque para a Trucss e outras marcas atuantes no mercado brasileiro, será possível compreender as estratégias adotadas no desenvolvimento de peças íntimas que rompem com os padrões tradicionais da moda e respondem às demandas de usabilidade, funcionalidade e inclusão. Essa etapa da pesquisa também possibilita comparar a modelagem

convencional com propostas adaptadas, evidenciando os principais ajustes técnicos e ergonômicos aplicados às peças destinadas ao público transfeminino.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, com caráter exploratório, fundamentada em revisão bibliográfica e na realização de um estudo de caso da marca Trucss, pioneira no Brasil na criação de calcinhas voltadas especificamente para mulheres transsexuais e travestis. Além disso, a pesquisa incluiu uma análise comparativa entre a modelagem tradicional e a proposta inclusiva da marca, a fim de identificar diferenças técnicas, ergonômicas e funcionais.

A revisão bibliográfica foi conduzida a partir de consultas em bases acadêmicas, artigos científicos, anais de congressos, livros e relatórios especializados, além de entrevistas, vídeos institucionais e reportagens que tratam de moda inclusiva, antropometria, ergonomia e diversidade de gênero. Essa etapa fornece suporte teórico para fundamentar a discussão sobre a importância da modelagem no design inclusivo.

No que diz respeito às marcas, as informações foram coletadas exclusivamente por meio de fontes secundárias, tais como sites oficiais, materiais de divulgação e descrições técnicas disponibilizadas pelas próprias empresas. As marcas Dani Bel Moda Trans e Pride Intimates foram incluídas como apoio contextual, de modo a ilustrar o panorama do mercado nacional, mas a comparação central foi realizada entre a modelagem tradicional de calcinhas femininas e a modelagem inclusiva desenvolvida pela Trucss.

Para a análise, foram estabelecidos critérios comparativos baseados em princípios de ergonomia e antropometria, considerando aspectos como profundidade frontal, cós, fundilho, tecidos, reforço estrutural, conforto ergonômico e psicológico. Os quadros comparativos foram elaborados a partir das descrições oficiais da marca Trucss, confrontadas com referências técnicas da literatura especializada, garantindo a coerência científica dos resultados. Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou uma abordagem integrada, que combina a análise documental, a fundamentação teórica e a observação técnica, a fim de evidenciar o papel central da modelagem no design inclusivo de peças íntimas transfemininas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Levantamento de marcas

A Dani Bel Moda Trans¹ é uma marca catarinense especializada na produção de calcinhas e biquínis voltados exclusivamente para mulheres trans. Com sede em São José, SC, a marca tem como missão melhorar a qualidade de vida de suas clientes por meio de produtos que proporcionam conforto, praticidade e beleza, promovendo realização pessoal e autoestima. As peças são desenvolvidas com foco na funcionalidade e adaptação anatômica, oferecendo segurança e ajuste ao corpo de pessoas trans. Além disso, a marca se destaca pela atuação respeitosa, transparente e responsável junto ao seu público-alvo, valorizando o atendimento humanizado e especializado. A seguir, apresentam-se as imagens relacionadas à marca de lingerie Dani Bel Moda Trans.

Como pode ser observado na Figura 1, a marca Dani Bel Moda Trans apresenta sua comunicação visual destacando produtos específicos para mulheres trans.

Figura 1 – Site Dani Bel Moda Trans



Fonte: <https://www.danibelmodatrans.com/>

A Figura 2 exemplifica um dos modelos oferecidos pela marca, evidenciando a adaptação anatômica aplicada às peças.

¹ <https://www.danibelmodatrans.com/>

Figura 2: Biquíni Tradicional Com Bojo – Transex



Fonte: <https://www.danibelmodatrans.com/>

A Pride Intimates² é uma marca brasileira de lingerie de luxo criada com foco na comunidade LGBTQIA+, com atenção especial às necessidades de mulheres trans e travestis. Fundada por Anne Garcia e lançada em novembro de 2024, a marca surgiu após um intenso processo de pesquisa e desenvolvimento. Suas peças são confeccionadas com tecidos confortáveis como viscolycra e rendas macias, e projetadas com acabamento delicado e sem costuras visíveis, garantindo conforto, elegância e discrição. A Pride Intimates propõe uma alternativa segura à prática de esconder a genitália com improvisos, promovendo conforto físico e segurança emocional. Outro diferencial está na variedade da grade de tamanhos, que vai do P ao XG, atendendo a diversidade de corpos de forma acolhedora e inclusiva.

A Figura 3 apresenta o site da marca Pride Intimates, que se posiciona como lingerie de luxo inclusiva.

Figura 3 – Site Pride Intimates



Fonte: <https://www.prideintimates.com/>

² <https://www.prideintimates.com/>

Na Figura 4 observa-se o modelo 'Afrodite', no qual o design busca unir conforto e estética sem abrir mão da funcionalidade.

Figura 4 – Calcinha afrodite



Fonte: <https://www.prideintimates.com/>

A análise das marcas Dani Bel Moda Trans e Pride Intimates evidencia avanços importantes na busca por soluções de vestuário íntimo voltadas ao público transfeminino. Ambas demonstram preocupação com o conforto, a estética e a representatividade, oferecendo peças que fogem do padrão exclusivamente cisnormativo. No entanto, observa-se que, apesar de utilizarem tecidos confortáveis e ampliarem o fundilho em algumas modelagens, essas marcas ainda mantêm, em grande parte, estruturas próximas à modelagem tradicional. A ausência de elementos estruturais específicos para sustentação frontal ou variações ajustadas ao tamanho da genitália indica que a adaptação ergonômica, embora presente em parte do design, ainda pode ser aprimorada em termos de funcionalidade e precisão anatômica (Laranjeira *et al.*, 2018; Silveira; Pachoarelli; Ferreira, 2022).

Diante disso, a próxima seção apresenta um comparativo técnico entre a modelagem tradicional de calcinhas e uma proposta de modelagem inclusiva voltada especificamente a corpos transfemininos, com base em uma análise mais aprofundada da marca Truccs, que se destaca por sua abordagem inovadora e personalizada no desenvolvimento dessas peças.

4.2 Calcinhas tradicionais versus calcinhas inclusivas para o público transfeminino

A modelagem tradicional de calcinha, presente nos modelos básicos como tanga, biquíni e fio dental é desenvolvida com base em medidas padronizadas de corpos femininos cisgênero. Essas modelagens seguem proporções corporais convencionais, priorizando o encaixe da peça à região pélvica com foco em conforto estético e funcionalidade mínima, sem considerar variações anatômicas significativas.

A estrutura frontal dessas peças apresenta profundidade reduzida, projetada para cobrir de forma discreta a vulva, o que torna o centro frontal da calcinha mais estreito e raso. O fundilho parte interna da calcinha costuma ser estreito e posicionado de maneira centralizada, com forro interno em algodão para proporcionar maior higiene e absorção.

O cós geralmente é fixo, com elástico embutido ou aplicado diretamente à peça, e as laterais podem variar em largura conforme o modelo, sendo mais largas nos modelos boxer ou caleçon, e mais finas nos modelos tanga e fio dental. As costuras são aplicadas de forma estratégica para reforço das bordas e para finalização estética da peça, mas sem desempenhar função estrutural de contenção.

Os tecidos mais comumente utilizados incluem algodão, microfibra, poliamida e renda. Tais materiais são escolhidos por sua suavidade ao toque, leve elasticidade e respirabilidade, características que favorecem o conforto térmico e sensorial. No entanto, a modelagem tradicional não inclui reforços ou camadas adicionais que proporcionem compressão ou sustentação, uma vez que esses elementos não são necessários para o público-alvo para o qual a peça foi originalmente projetada.

A Trucss, por sua vez, é uma marca brasileira criada por Silvana Bento, com foco na produção de calcinhas inclusivas voltadas para o público transfeminino. Em 2016, Silvana patenteou um modelo exclusivo de calcinha com design em formato de funil, especialmente desenvolvido para a prática de "aquendar", oferecendo maior conforto e segurança para mulheres trans e travestis. Silvana é formada em Hemoterapia e a ideia do produto surgiu enquanto trabalhava em um hospital, onde presenciou diversos atendimentos de mulheres trans com complicações renais, muitas delas causadas pelo uso de técnicas improvisadas para conter ou esconder a genitália, desde de uso de fitas adesivas, a colas de super colagem, na qual não permitia que mulheres transsexuais, travestis e drags queens usassem o banheiro por um longo período.

A prática de *aquendar*, comum entre pessoas travestis e mulheres trans, refere-se à ação de esconder o volume da genitália como forma de adequação à identidade de gênero e ao padrão estético esperado socialmente. Mais do que uma questão visual, aquendar está ligado à saúde física e emocional dessas pessoas, já que muitas recorrem a soluções improvisadas que podem causar dor e danos fisiológicos Segundo o Estado de Minas (2023) “o órgão genital é puxado para trás, entre as nádegas. A prática é feita de forma bastante rudimentar, com a utilização de colas, fitas adesivas e barbantes, o que pode causar dores e ferimentos”. Como descrito em matéria “aquendar é uma prática LGBTQIA+ além da estética” e também uma resposta ao processo de afirmação identitária e enfrentamento da cisnormatividade no vestuário íntimo (Estado de Minas, 2023).

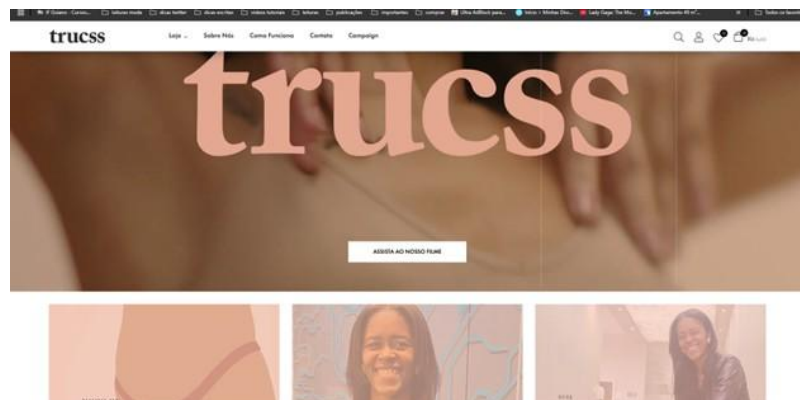
Ao contrário de outras marcas que apenas ampliam o fundilho das calcinhas tradicionais, a Trucss propõe uma solução funcional baseada na anatomia da usuária. As

calcinhas são desenvolvidas conforme o tamanho do órgão sexual em estado flácido, garantindo ajuste mais preciso e confortável. A marca utiliza uma tabela de medidas com quatro tamanhos, P, M, G e EG, para adaptar a peça de acordo com o comprimento da genitália, resultando em uma experiência de uso mais ergonômica, segura e afirmativa.

Com uma visão social comprometida com a inclusão, a Trucss também propõe, como objetivo futuro, que sua calcinha para aquecer seja disponibilizada gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), contribuindo para a democratização do acesso a produtos que impactam diretamente na saúde e dignidade de mulheres trans.

Conforme mostra a Figura 5, a marca Trucss divulga suas peças com foco na inovação da modelagem inclusiva.

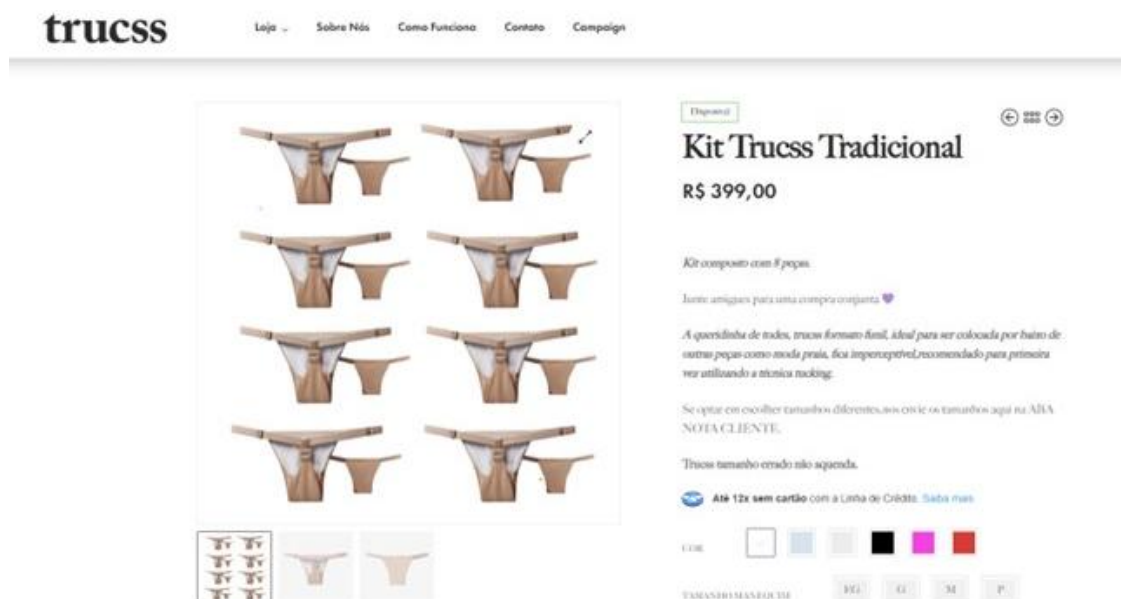
Figura 5 – Site Trucss



Fonte: <https://trucss.com.br/>

A Figura 6 ilustra a página de vendas de uma calcinha Trucss, destacando a proposta de modelagem adaptada ao comprimento da genitália.

Figura 6 – Pagina de vendas da calcina Trucss tradicional no site



Fonte: <https://trucss.com.br/>

A seguir, encontra-se a tabela de medidas utilizada pela marca Trucss como referência para a modelagem de suas calcinhas inclusivas. Diferente das graduações tradicionais baseadas apenas no manequim ou em medidas como cintura e quadril, a marca se propõe a fazer uma abordagem centrada no comprimento da genitália em estado flácido, fator determinante para o desempenho funcional da peça. Essa classificação permite que o suporte da calcinha seja dimensionado com mais precisão, garantindo conforto, segurança e eficiência no ato de “aquendar”. A tabela oferece quatro variações de tamanho, permitindo o encaixe adequado da peça de acordo com a anatomia individual da usuária. Essa estratégia de graduação evidencia uma aplicação prática da ergonomia e da antropometria no design de moda íntima inclusiva, contribuindo diretamente a usabilidade do produto.

Quadro 1 – Medidas

Tamanho da Genitália (em repouso)	Tamanho do Suporte
Até 6 cm	P
De 7 a 11 cm	M
De 12 a 15 cm	G
Acima de 16 cm	EG

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SL7BJi5zY48>

Observação: a medição deve ser feita com a genitália em estado flácido, conforme orientação da própria fundadora da marca.

Na sequência são apresentados os Quadros 2 e 3, com um comparativo entre a modelagem tradicional de calcinhas, amplamente utilizadas por corpos cisgêneros, e a modelagem inclusiva desenvolvida pela marca Trucss, voltada especificamente ao público transfeminino. A tabela destaca os principais aspectos técnicos, ergonômicos e funcionais que diferenciam essas duas abordagens, como profundidade frontal, estrutura de sustentação, tipos de tecido, adequação anatômica e conforto psicológico. O objetivo é evidenciar como a adaptação da modelagem pode contribuir significativamente para o bem-estar físico e emocional das usuárias.

Como demonstrado no Quadro 2, há diferenças significativas entre a modelagem tradicional e a inclusão proposta pela Trucss, sobretudo na profundidade frontal e no reforço ergonômico.

No Quadro 3, demonstra os principais ajustes ergonômicos que foram feitos na calcinha Trucss para torna-la mais inclusiva, fazendo descrição de cada detalhe.

Quadro 2 – Comparativa entre Modelagem Tradicional e Inclusiva (Trucss)

Características	Modelagem Tradicional	Modelagem Inclusiva (Trucss)
Profundidade frontal	Reduzida, não cobre a genitália de forma segura	Formato em funil, com profundidade ajustada ao tamanho da genitália
Cós	Elástico padrão, sem ajuste	Cós reforçado com modelagem anatômica e compressão funcional
Fundilho (forro)	Estreito, posicionado para corpos com vulva	Amplo e estruturado para acomodar e sustentar a genitália
Reforço frontal	Inexistente	Presente, com construção anatômica voltada ao “aquecer” com conforto
Tipo de tecido	Algodão, microfibra, renda (foco em toque e estética)	Malhas elásticas de compressão com foco em sustentação e segurança
Estrutura para sustentação	Ausente	Projetada com estrutura interna para compressão leve e ajuste individual
Elementos ajustáveis	Raros ou inexistentes	Adaptável por tamanhos conforme medida da genitália flácida
Pensada para genitália volumosa	Não	Sim
Conforto psicológico/segurança	Pode causar desconforto e sensação de inadequação	Foco no bem-estar, afirmação de identidade e prevenção de problemas de saúde

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas no site da Trucss (2025)

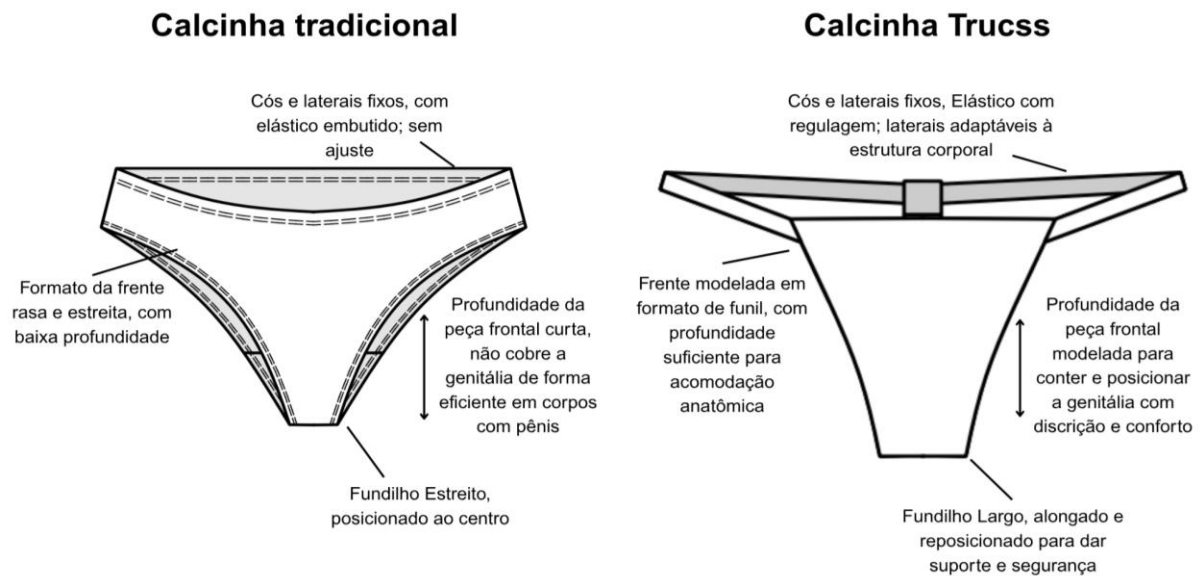
Quadro 3 – Ajustes ergonômicos na modelagem de calcinha para corpos Transfemininos

Elemento de modelagem	Ajuste ergonômico	Representação visual/ Descrição
Fundilho	Aumento da largura e profundidade frontal para acomodar a genitália com conforto.	Linha do fundilho se estende para frente, formando um espaço anatômico em "U".
Formato Frontal	Design em funil ou abaulado para posicionamento anatômico da genitália	Vista lateral apresenta volume descendente ou côncavo na região frontal
Tecidos	Uso de tecidos com elasticidade média e alta compressão para sustentação.	Indicação de tecidos como suplex, lycra com forro duplo e reforços internos.
Cós e Elásticos	Cós reforçado com elástico largo para evitar marcas e garantir firmeza sem desconforto.	Elástico de 3 a 5 cm embutido ou exposto, aplicado em costura dupla.
Costuras	Posicionamento anatômico para evitar atritos e reforço em áreas de sustentação.	Costura lateral deslocada e reforçada com pespontos planos.
Suporte interno	Inserção de suporte interno opcional para contenção suave e segura	Indicação de peça interna tipo “bolsinha” ou compressor embutido.
Modelagem	Graduação baseada no tamanho da genitália flácida, e não apenas no manequim.	Tamanhos variando de P a EG, baseados em cm do penis, como denomina a Trucss.
Forro	Aplicação de forro de algodão ou poliamida com costura reforçada.	Corte em formato anatômico, duplo, com acabamento embutido.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações disponibilizadas no site da Trucss (2025)

Na Figura 7 é apresentada a comparação entre a modelagem tradicional e a inclusiva da Trucss, evidenciando diferenças no acabamento e estrutura frontal.

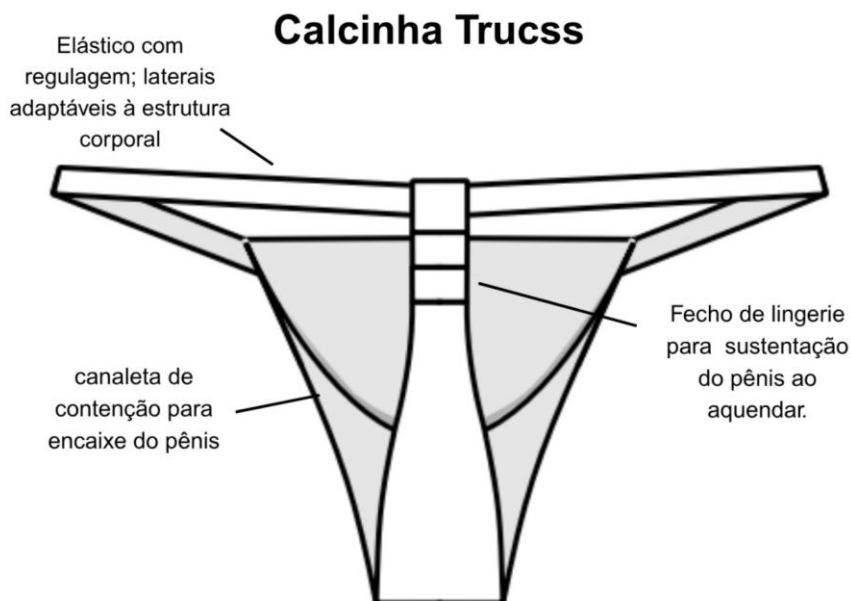
Figura 7 – Desenho Técnico Comparação de modelagem e acabamento de calcinha tradicional e calcinha Trucss



Fonte: Elaborado pelo autor com base em observação de produto e informações disponibilizadas no site da Trucss (2025)

A Figura 8 detalha a parte traseira da modelagem da Trucss, evidenciando ajustes ergonômicos na construção da peça.

Figura 8 – Desenho técnico traseiro calcinha Trucss



Fonte: Elaborado pelo autor com base em observação de produto e informações disponibilizadas no site da Trucss (2025)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica realizada ao longo deste artigo evidenciou que a moda íntima tradicional historicamente ignora corpos e identidades dissidentes de gênero, contribuindo para processos de exclusão simbólica e material. A ausência de modelagens específicas para mulheres transsexuais e travestis impacta diretamente sua autoestima, conforto e segurança. Estudos como os de Butler (1990), Broega e Silva (2010) e Bento (2006) reforçam a importância de se considerar não apenas as questões estéticas, mas também os aspectos ergonômicos, sensoriais e identitários no desenvolvimento do vestuário. A moda, portanto, deve ser compreendida como uma linguagem que expressa e afirma o sujeito no mundo — e, nesse contexto, a modelagem é ferramenta estratégica para a construção de um design verdadeiramente inclusivo.

A análise das marcas Dani Bel Moda Trans e Pride Intimates demonstrou avanços importantes em termos de representação e acolhimento da diversidade de corpos. Ambas apostam em tecidos confortáveis e cortes adaptados, proporcionando alternativas à modelagem tradicional. No entanto, observou-se que tais soluções, embora valiosas, ainda não contemplam integralmente as particularidades ergonômicas e anatômicas das usuárias trans, mantendo estruturas próximas à modelagem cisnormativa. Essa constatação reforça a necessidade de aprofundar o desenvolvimento técnico das peças íntimas voltadas a esse público.

O comparativo entre a modelagem tradicional e a modelagem inclusiva proposta pela Trucss revelou diferenças substanciais. Enquanto a modelagem convencional não prevê adaptações para a genitália externa e se limita a critérios de estética e padronização, a proposta da Trucss aplica princípios de ergonomia e antropometria específicos, utilizando como base de graduação o tamanho do órgão sexual em estado flácido. Essa abordagem resulta em peças que oferecem maior conforto físico, segurança funcional e alinhamento com a identidade de gênero da usuária, demonstrando que a modelagem é um ponto crítico no sucesso do produto de moda inclusiva.

O quadro comparativo evidenciou como cada elemento da peça, do fundilho à profundidade frontal, do tecido ao cós pode ser ressignificado quando a modelagem é pensada de forma estratégica e centrada no corpo real da pessoa que irá vesti-la. O cuidado técnico presente na modelagem da Trucss oferece uma experiência de uso que vai além do vestir: ela proporciona bem-estar, reduz riscos à saúde e fortalece a afirmação de identidade.

Nesse cenário, a importância mercadológica e o impacto social do desenvolvimento de peças íntimas inclusivas tornam-se evidentes. Há uma demanda crescente por produtos que respeitem a diversidade corporal e de gênero, o que representa uma oportunidade não apenas comercial, mas também ética e transformadora para a indústria da moda. (JESUS,

2012). A modelagem ocupa posição central nesse processo, pois é por meio dela que o design se concretiza no corpo, respondendo a demandas reais e simbólicas das usuárias. Avançar na pesquisa, desenvolvimento e aplicação de modelagens inclusivas é, portanto, fundamental para uma moda mais democrática, representativa e humana.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERTON, T. J. B. et al. **A usabilidade do produto de moda: análise das tarefas do usuário na criação e produção do vestuário**. ModaPalavra e-Periódico, Blumenau, v. 10, n. 19, p. 179–200, jan./jun. 2017.

BROEGA, A. C.; SILVA, M. E. C. **O conforto total do vestuário: design para os cinco sentidos**. Actas de Diseño, Buenos Aires, v. 9, p. 29–226, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Luciomar de; FILHO, Flavi Ferreira Lisboa **Representações LGBTQIA+ e estudos culturais: invisibilidades da diversidade de gênero em audiovisuais publicitários de moda**. Reciiis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 671–680, jul./set. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i3.1726>. Acesso em: 12 maio 2025.

ESTADO DE MINAS. **“Aquendar”**: uma prática LGBTQIA+ além da estética. Estado de Minas, Belo Horizonte, 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/05/17/noticia-diversidade,1495163/aquendar-uma-pratica-lgbtqia-alem-da-estetica.shtml>. Acesso em: 12 maio 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: s.n., 2012. Disponível em: https://issuu.com/jgjesus/docs/orienta____es_sobre_identidade_de_g__nero. Acesso em: 12 maio 2025.

LARANJEIRA, A. P. et al. **Mulheres trans, moda para todas**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 13., 2018, Joinville. Anais eletrônicos... Joinville: Univille, 2018.

SILVEIRA, Icléia; PASCHOARELLI, Luis Carlos; FERREIRA, Marcelo Gitirana Gomes (Orgs.). **Dossiê Ergonomia e Moda**. ModaPalavra, Florianópolis, v. 15, n. 37, p. 1–66, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/issue/view/528>. Acesso em: 26 maio 2025.